

Annástría

e os Sete Escolhidos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

D'Aquitaine, Selène

Annástris e os Sete Escolhidos / Selène D'Aquitaine. –
1ª ed. – São Paulo: Ícone, 2011. (Coleção Ícone Jovem /
coordenação editorial Adriana Barbosa Ferreira [Selène
D'Aquitaine])

ISBN 978-85-274-1177-6

1. Romance brasileiro. I. Ferreira, Adriana Barbosa.
II. Título. III. Série.

10-01618

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira. 869.93

SELÈNE D'AQUITAINE

Annástría

e os Sete Escolhidos

1ª edição
Brasil – 2011

 **icone**
editora

© Copyright 2011
Ícone Editora Ltda.



ANNÁSTRIA

VOLUME II

ANNÁSTRIA E OS SETE ESCOLHIDOS

Coordenação editorial da Coleção Ícone Jovem

Selene D'Aquitaine (Adriana Barbosa Ferreira)

Capa

José Roberto Pereira

Miolo

Richard Veiga

Revisão

Fábio Corradini

Juliana Biggi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

Prólogo...

Jane e Orlando estavam trabalhando em sua mais recente invenção. Uma flecha dourada de trinta centímetros de comprimento com a ponta feita de chifre de unicórnio. Foi a grande sensação em toda Annástria e colônias. O casal de feiticeiros foi ricamente premiado e homenageado pelo próprio Zolum. A flecha era capaz de cortar laços entre indivíduo e suas entidades que o atormentavam. Ela também era capaz de cortar laços de dependência feitos com magia negra. A magnífica arma só poderia ser usada por quem a criasse, por quem tivesse conhecimento sobre sua construção. O casal jamais revelara tal processo a qualquer um que demonstrasse curiosidade, pois eles decidiram que esse conhecimento apenas seria passado dentro das futuras linhagens da família, através do subconsciente.

O casal teve apenas uma filha. A jovem era completamente desinteressada pela magia ou pelo trabalho dos pais em relação a magia, poções e artefatos mágicos. O que mais fascinava a jovem rebelde era a dimensão dos humanos. Assim que completou dezoito anos, a filha do casal mudou-se para sua dimensão dos sonhos.

A partir dela as próximas gerações afastaram-se de Annástria, mas atuaram em diversas áreas similares no mundo dos humanos, como na indústria química, por exemplo. O talento para pesquisas e grandes descobertas sempre esteve no sangue da família, porém a magia parecia esquecida. Não que os membros das novas gerações não possuíssem magia, mas apenas a ignoravam ou nem sequer a percebiam.

A situação tomou um rumo completamente diferente com a filha de Matilda – herdeira do sangue de Jane e Orlando – e Guilherme, a bonita Alina. Essa jovem tomou conhecimento de seus dotes mágicos, porém usava seus poderes para fins pessoais e até mesmo maliciosos. Alina, moça de longos cabelos castanhos tão atraentes quanto chocolate e de belos e ousados olhos verdes era a mais inteligente da sua árvore genealógica. Sua inteligência e magia eram geralmente usadas para vingar-se de inimigos e obrigar as pessoas a fazer o que ela bem quisesse.

Alina atraiu a atenção de Satine, é claro. A moça dos olhos verdes teve seu primeiro encontro com a dama das trevas em uma tarde em que estava trancada em seu quarto lendo um livro de magia. Alina queria vingar-se de sua rival no colégio e roubar seu namorado. Pelo que tudo indicava, sua rival havia conquistado o prêmio de melhor aluna da classe e conquistado o garoto mais disputado do colégio. Pura futilidade colegial e adolescente. Alina, porém, odiava perder.

Trancafiada em seu quarto, a jovem transbordava ódio quando finalmente encontrou a chave para sua vingança. Alina realizou um ritual para chamar ninguém menos que Satine.

— Finalmente descobriu como chamar-me – disse a dama das trevas. Alina encantou-se com a beleza da sua nova mestra. – Estou observando você há muito tempo, querida. Sei tudo sobre você e seu glorioso passado.

Alina logo gostou do que ouviu.

Satine revelou, para a sua nova discípula, sobre seus antepassados, Jane e Orlando.

— Flecha dourada? Oh! Já sonhei inúmeras vezes com essa flecha! Fora isso, já sonhei que eu estava preparando poderosas poções mortais... e usei todas elas para acabar com as pessoas de que eu não gosto. Detesto o mundo em que vivo! Ele é tão vazio, sem graça... A magia negra sempre foi minha grande paixão. Meus pais idiotas vivem me dizendo que magia não existe... Eles são muito superficiais.

— Então deseja vingar-se da sua inimiga? Satine sempre estava disposta a ajudar vingadores. – Devo avisá-la que não faço favores de graça.

— Claro que não! Eu também não sou altruísta. Tudo na vida tem seu preço, não é? Quem ajuda sem nada pedir em troca não passa de um grande perdedor.

— A senhorita está disposta a pagar qualquer preço?

— Gosto de colocar que nós estamos fazendo uma *negociação justa*.

Satine adorava o jeito que a perversa Alina falava. Alina era o tipo de pessoa que Satine gostaria de ter como filha.

— Diga-me o que deseja em troca, poderosa Satine.

Satine declarou seu preço.

— Oh, minha nossa! – exclamou Alina animada. Chama isso de pagamento? Oh, Satine! A senhora é a deusa que eu tanto louvo! Eu estou lhe suplicando um capricho meu e em troca pede-me algo tão insignificante? Isso é bom demais para ser verdade.

Satine divertiu-se.

— Considera meu preço pequeno? Não se preocupa com as consequências?

— Eu não! A senhora estará livrando-me de um fardo e fazendo-me um favor. Honestamente, pouco me importo com o que pretende fazer com meu barato pagamento. Contanto que meu capricho seja satisfeito... o resto é lucro!

No dia seguinte, a inimiga de Alina teve uma horrível surpresa. Seu cabelo caiu todo durante o banho após a aula de ginástica. A pobre moça sofreu humilhação na frente de todos. Pouco depois, sua pele ficou cheia de manchas roxas, sua vista ficou sem cor, ela tossia sangue, seu organismo foi ficando cada vez mais fraco e doente. A maldição agiu tão depressa que mal deu tempo de a professora de ginástica chamar algum médico. Em vez de ficarem chocados, todos os alunos do colégio acharam graça.

O garoto mais disputado do colégio, Sérgio, garoto alto, pele morena, cabelos escuros e olhos negros, caiu perdidamente apaixonado aos pés da louca Alina. A jovem tornou-se ainda mais malvada e maliciosa. Fez o garoto de gato e sapato. Inebriado pela magia negra, Sérgio suplicou para Alina casar-se com ele.

Poucos meses após o casamento, Alina ficou grávida. Teve um filho prematuro para quem o futuro reservava uma terrível missão. O garoto

conseguiu sobreviver aos duros primeiros quatro anos de vida. Ele era uma simpática criança muito parecida com a mãe. Alina detestava aquela coisinha pequena. Seu filho era extraordinariamente inteligente.

No aniversário de cinco anos do garoto, Alina e seu marido receberam uma visita esperada apenas por Alina. Satine viera cobrar o que lhe fora prometido.

O garotinho estava brincando de explorar seus poderes. Ele estava curando um ferimento que havia conseguido brincando com pedaços de vidro. Sentado no tapete persa da sala, a criança mal ligava para o dia do seu aniversário. Satine aproximou-se da criança e ajoelhou-se para pegá-lo no colo.

— Você agora será todo meu!



Primeira Parte

A decorative rectangular frame with a double-line border, containing the word 'Stessnaja'. The frame is surrounded by an elaborate, symmetrical arrangement of black and white decorative elements, including swirls, dots, and circular patterns.

Stessnaja

Capítulo um

fim das férias

Era um dia ensolarado quando desci as escadas para tomar café da manhã com a minha tutora, a senhora Anita Collin.

— Bom dia – eu disse, fazendo uma leve mesura para a minha tutora.

— *Bonjour, ma chérie. Comment allez-vous?* – Anita Collin sempre cumprimentava as pessoas em francês, mesmo quando nós estávamos de férias no Brasil.

— *Je vais bien, merci. Et vous?* – perguntei, tomando meu lugar ao lado da tia Anita.

Ela sorriu e me serviu uma xícara de café com leite. Antes de conhecer o Brasil, eu só tomava chá de ervas finas, o que não é nada demais comparado com um bom e docinho café com leite brasileiro. Passar as férias na Bahia foi muito agradável. Tia Anita alugou um quarto modesto e simpático em uma pensão na cidade de Salvador. A dona da pensão,

Isaura, era uma senhora negra, gordinha, muito animada e excelentíssima cozinheira. Minha tia Anita ofereceu um alto preço para dona Isaura alugar a pensão exclusivamente para nós. Claro que dona Isaura aceitou. Anita pagou para ela um pouco mais que o dobro do montante anual que a senhora recebia normalmente.

— Ocêis tão gostando da comida? Fiz a cocada e o doce de rapadura especial pras menina – disse dona Isaura.

— Está tudo muito bom! – eu disse, enchendo a boca de goiabada. Definitivamente, a culinária brasileira é a minha favorita. – Vou sentir muita falta daqui.

Dona Isaura sorriu e me serviu uma fatia de pão com manteiga.

— Ocê é muito magrela, menina. O que ocê come lá nas França?

— A culinária francesa é completamente diferente da brasileira. Admito que como muito pouco... – eu disse.

Depois de passar quase dois meses de férias no Brasil, eu já estava morrendo de saudade de Paris. Foi muito difícil, no começo, eu me adaptar ao clima quente da Bahia. Nunca senti tanto calor em toda a minha vida. Depois de terminarmos o café da manhã, tia Anita e eu subimos para o nosso quarto para arrumarmos as malas.

— Stellnaja, querida, não se esqueça de pegar todas as suas roupas – disse minha tia arrumando seus vestidos de seda dentro de sua tradicional mala feita de tapete persa. Aquela mala era um pouco ridícula, tenho que admitir. Anita Collins, apesar de sua origem inglesa, era dona de Tourdeon, um colégio particular francês de alto padrão. Para uma mulher de quarenta e cinco anos, Anita era muito elegante com seus cabelos castanhos claros cacheados, olhos claros e pele clara. Quem olhasse para nós com certeza perceberia que tia Anita e eu não somos parentes. Meus cabelos lisos e negros e meus olhos incrivelmente verdes e expressivos não se parecem nada com os da minha tia e sua branca elegância renascentista. Meu padrão de beleza é mais oriental e, modéstia à parte, muito mais sedutor.

Depois de terminar de arrumar as malas, eu vesti minha meia-calça branca favorita e um vestido preto. Tia Anita e eu nos despedimos da dona Isaura e seguimos para o aeroporto. O voo para Paris foi longo e cansativo.

— *Merci beaucoup* – disse minha tia quando o taxista nos deixou na porta da Academia Tourdeon. O *hall* principal era assustadoramente

enorme sem os alunos circulando por todos os lados. O piso de madeira havia acabado ser encerado, as paredes estavam com a pintura restaurada. Olhei para cima e vi que os lustres de cristal continuavam lindos. Tudo em Tourdeon era lindo, claro e delicado. A decoração era muito nobre, rica em detalhes. Os zeladores que ficaram de plantão ajudaram eu e tia Anita a levarmos as malas para o penúltimo andar, o sexto, onde ficava os nossos quartos. Tourdeon era bem grande, possuía sete andares, sem contar o sótão e o porão. Por fora, a academia parecia com uma mansão enorme. Agradei a ajuda do zelador e entrei em meu quarto.

— Pelo menos vou ter essa noite sem a detestável companhia da minha adorável colega de quarto, Gina – disse para mim mesma depois de me jogar na cama.

Levei um bom tempo para arrumar todos os meus pertences e garantir o melhor armário do quarto. No dia seguinte as alunas e os professores já estariam aqui. Ah, sim, Tourdeon era uma academia exclusiva para garotas.

Estava tão cansada que me dei ao luxo de dormir sem jantar. A noite estava fria comparada às longas noites abafadas do Brasil. Enrolei-me em toda a coberta, mas mesmo assim continuei com um pouco de frio. Quando finalmente peguei no sono, entrei em um sonho muito estranho.

Sonhei que estava perdida em uma floresta. As árvores não possuíam nenhuma folhagem, o clima estava congelante e não havia nenhum animal. De repente senti uma estranha queimação em volta do meu pulso direito até a palma da mão. Quando olhei para o meu braço gritei de susto. A imagem de uma cobra naja esverdeada começou a surgir na minha pele. A naja enrolava-se em meu pulso e abria a boca na palma da minha mão. A naja parecia se mexer levemente. Pouco a pouco meus olhos começaram a arder e senti um forte gosto de veneno na minha boca. Meus dentes também doíam muito como se estivessem crescendo rapidamente e se transformando em presas afiadas e venenosas.

Eu gritava desesperada, porém ninguém vinha me ajudar. Eu estava completamente sozinha e perdida. Quando as dores já estavam me levando à loucura, eu despertei com falta de ar. Passei as mãos pelo meu rosto para limpar o suor e tentei me acalmar. Hesitante e com medo, sentei na poltrona da penteadeira e quase cai para trás ao ver meu reflexo no espelho. Meus lábios estavam vermelhos como sangue, meus olhos verdes tornaram-se dourados e em fendas. Eu estava com olhos de cobra.

— *Pela maçã de Eva*, isso não pode estar acontecendo! Stellnaja Bellask, você só pode estar sonhando... – eu comecei a sussurrar para *mim* mesma, mas me calei ao notar que a naja esverdeada continuava tatuada na minha pele.

Eu nunca li a Bíblia ou nenhuma outra Escritura Sagrada, porém naquele momento de desespero eu comecei a orar para o Deus da Bíblia. Fiquei um bom tempo implorando para eu não me transformar em uma cobra ou algo do gênero.

Finalmente, reuni coragem e me olhei no espelho.

Alívio.

Minha aparência havia voltado ao normal. Olhei para o meu pulso e a naja havia sumido.

— Vou ser positiva e acreditar que o fato de o meu nome ser Stellnaja não tem nada a ver com o fato de ter aparecido uma cobra naja no meu pulso, o gosto de veneno na minha boca, as presas e os olhos de fenda... Tudo não passa de uma irônica ilusão.

Naquele momento, três e meia da madrugada, era oficial, eu estava completamente louca. Tentei voltar a dormir, porém o medo de sonhar com a cobra era maior do que o meu sono. Passei o resto da madrugada olhando para a lua crescente e me perguntando como seria se eu me transformasse em uma cobra de verdade.

— Preciso parar de ler livros de suspense – murmurei para *mim* mesma.

Minhas últimas horas de sossego antes da minha antipática colega de quarto chegar eu as desperdicei preocupada com um pressentimento de que a minha vida estava prestes a mudar drasticamente. Não sabia dizer se essa mudança era para melhor ou para pior.

